

vivendo o real, pode jogar com um papel imaginário, contando com a participação de outras pessoas que vivem também situação semelhante à sua. Suas emoções, seus conteúdos internos, seus dramas são vivenciados com o apoio do grupo terapêutico.

Inclui-se ainda no trabalho psicoterápico o atendimento a pais. Os grupos de pais de adolescentes objetiva trabalhar os vínculos existentes entre pais e filhos.

A proposta terapêutica do psicodrama é, portanto, a de promover a descoberta de novas possibilidades de existir do adolescente, através da aquisição de novos estilos relacionais, ajudando-o a restabelecer novos canais de comunicação, promovendo a aprendizagem, o desempenho de papéis, facilitando, portanto, a sua entrada no mundo do adulto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GONÇALVES, Camilla Salles (org.) *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo: Agora, 1988.
- GROISMAN, Moisés & KUSNETZOFF, Jean Carlos. *Adolescência e saúde mental*. Porto Alegre: Arte Médicas, 1984.
- MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- TIBA, Içami. *Puberdade e adolescência*. São Paulo: Agora, 1986.
- VITIELLO, Nelson et alii. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988.

RESENHAS

IANNI, Octávio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

Quando grande parte do pensamento científico parece ficar imobilizada, temerosa ou horrorizada ao se defrontar com a visão do final do século XX, Octávio Ianni, ao contrário, parece cada vez mais estimulado e desafiado frente aos impasses e potencialidades da realidade. Já faz tempo que o sociólogo vem apontando para o fato de que, especialmente em conjunturas críticas que implicam grandes transformações sociais, a realidade parece batalhar em busca de um conceito. Agora, mais uma vez sem fazer eco com parte do pensamento científico que se "intimida e desorienta frente a uma realidade social que se revoluciona", Octávio Ianni aceita os desafios postos para o pensamento científico pelos novos desdobramentos da realidade social. O autor não se conforma à catatonia que vem caracterizando boa parte do pensamento científico na atualidade e, fascinado com os desafios postos para a razão por uma historicidade que lhe escapa constantemente, realiza uma pesquisa de fôlego e reage. Ainda que pareça mesmo algo surpreendente, desconcertado e inconformado com o irracionalismo do salve-se quem puder frente ao fim da história, o sociólogo acerta as contas e se põe a analisar as metamorfoses da sociedade e a constituição da sociedade global.

O texto em si é um caleidoscópio que roda e ecoa um ritmo tenso, denso e ágil; quase frenético em alguns momentos. O autor não fala de algum lugar determinado e não está imbuído de arquétipos, esquematismos ou dogmatismos. A rigor, sua fala se situa no lugar onde as expressões da parte e do todo se sintetizam, ou seja, no lugar onde as "realidades e problemas nacionais se mesclam com a realidade e os problemas mundiais" (p. 97). E isso, sempre na perspectiva do contraponto singular, particular e universal, atento aos seus movimentos, às novas mediações, às recriações dos movimentos e mediações de uma sociedade global onde, afinal, "mais do que nunca, o singular e o universal realizam-se com história" (p. 49). O cenário que

serviu de fundo aos arautos do fim da história é revelado como palco privilegiado do descortínio do passado, da análise do presente e da projeção do futuro. Definitivamente, para Octávio Ianni, a história, quando revelada, se rebela e dá mostras de que não está no fim.

Do ponto de vista da construção e da exposição, o texto é impregnado da mesma proposta de universalidade que se revela no conteúdo. Por vezes, numa visão desatenta, pode-se ter a impressão de um retorno, de uma volta ao mesmo lugar. A rigor, o lugar é outro pela incorporação de novos elementos que vão sendo colocados e elucidados paulatinamente na análise. Isso faz com que os capítulos guardem uma relativa autonomia e possam até ser lidos separadamente, porque a idéia de uma compreensão de totalidade parece quase uma obsessão que se explicita no tratamento de cada elemento em si. Os temas desenvolvidos nos nove capítulos do livro são recorrentes, solidários e contemporâneos: se tecem e retecem, se criam e recriam, se põem e repõem. Mas, quando tomado na sua inteireza, na sua globalidade, o texto fica maior, se articula e rearticula reiteradamente enfrentando e lançando desafios para o pensamento científico.

A pedra de toque desse novo desafio pode ser sintetizada no fato de que o processo de intensificação e generalização da reprodução ampliada do capital, compreendendo concentração e centralização, adquire maior força e uma envergadura inimaginável até esse ponto da história e põe em causa uma transformação em larga escala dos movimentos, processos e estruturas da sociedade. Estão em questão as fronteiras e moedas, os projetos de governo e de desenvolvimento, as diversidades e desigualdades lançadas agora numa escala mundial, a destruição e construção de formas sociais de vida e de trabalho, as alterações das noções de tempo e espaço, de geografia e história. Esse processo mundial recoloca os dilemas do contrato social, generaliza a razão instrumental, desencanta e burocratiza o mundo, acelera e generaliza os processos de proletarização, impõe níveis mais altos de alienação.

Definitivamente, com a universalização da realidade na esteira da reprodução ampliada do capital, a história do capitalismo se revela como a história da mundialização, da globalização do mundo. Da energia nuclear ao predomínio mundial do ideário neoliberal, passando pela revolução da informática, pela organização do sistema financeiro internacional e das relações econômicas com base nas exigências das empresas, corporações ou conglomerados globais, pela universalização do inglês enquanto língua e possibilidade de comunicação, o que está em questão é uma sociedade civil mundial na qual indivíduos, idéias e coisas se deslocam e se trocam

incessantemente, num processo de desenraizamento e desterritorialização generalizada.

Essa nova totalidade, com suas implicações sociais, econômicas, políticas e culturais, multiplica as perspectivas de reflexão e criação, de constituição de novos patamares e novas possibilidades de auto-consciência e encerra em si possibilidades de alastramento dos horizontes de grupos, classes e movimentos sociais.

O processo de globalização compreende um vasto processo cultural e civilizatório que, contraditoriamente, implica humanização e vivificação das contradições e forças sociais. Afinal, alertará Octávio Ianni, globalização não corresponde a homogeneização e não apaga completamente a diferenciação e as diversidades. A globalização não é somente um processo absoluto e avassalador. Ao contrário, é um processo complexo, desigual e contraditório que aponta para horizontes fecundos quanto às possibilidades de libertação de patamares mentais e sociais e, ao mesmo tempo, lança desafios para a ciência, para filosofia e para as artes que poderão fertilizar transformações da história: A rigor, a sociedade global "abre outras possibilidades para a realização do modo de ser da modernidade" (p. 105).

O que está em questão é, fundamentalmente, o fato de que a reprodução ampliada do capital implica, ao mesmo tempo, a aceleração e generalização tanto de novas formas de interdependência e integração, quanto de fragmentação e antagonismo.

Segundo Ianni, para quem a contradição funda as formas de sociabilidade constituídas com o capitalismo tanto na dimensão singular quanto universal, tanto micro quanto macro, o capitalismo, enquanto um modo de produção material e espiritual, contém, essencialmente, a sua própria negatividade, absurdidade e irracionalidade. Está em causa o descortínio do *pathos* da missão civilizatória do capital. A história do capitalismo, a história da mundialização, não é uma elegia da racionalidade e traz em si a irracionalidade do próprio capitalismo enquanto processo civilizatório. "A mesma máquina do mundo que produz e reproduz a integração de uns e outros, produz e reproduz a contradição entre eles" (p. 149). É nessa perspectiva que a nova ordem mundial "pensada e falada em inglês, com sotaque norte-americano e os ingredientes do neo-liberalismo" (p. 134) pode ser vista como o "horizonte no qual se revela a multiplicidade das formas de ser, viver, sentir, agir, pensar, sonhar, imaginar" (p. 77). Afinal, o desencantamento, a racionalização instrumental do mundo, o fetichismo levado ao extremo, a secularização e calvinização do mundo não impedem a criação e recriação de diferentes formas civilizatórias e jamais eliminam o fato de que economia e

política, fatores de produção, forças produtivas e forças sociais se mesclam efetivamente no curso da história.

Nesse livro, já no enunciado dá idéia de uma *Sociedade Global*, Octávio Ianni se coloca numa posição diferente daqueles que têm buscado refúgio no singular, justamente no momento em que a universalidade se transforma e desafia o pensamento científico. Fruto do enfrentamento desse desafio numa perspectiva ampla, *A Sociedade Global* resulta um texto fértil quanto às possibilidades de temas, de desenvolvimento, de pesquisas e aprofundamentos. Sua fecundidade está, para além das respostas, nos problemas que lança e que devem ser perseguidos, pesquisados, elucidados. Com esse livro, Octávio Ianni realiza e sugere tons, modalidades e movimentos fundamentais. Mas a sinfonia ainda não está pronta. O desafio permanece. Afinal, a história não acabou.

Eis um texto fundamental para quem quer que aceite, sem se intimidar, os desafios postos para o pensamento científico numa sociedade global.

Anita Azevedo Resende
Prof. Titular do Departamento de
Pedagogia da FE/UFG

HECK, J. N. Estudos de Terminologia Filosófica

- Linguagem - poder - pensamento -

O livro *Estudos de Terminologia Filosófica*, com o subtítulo *Linguagem, Poder, Pensamento*, que acaba de ser publicado pela Universidade Federal de Goiás em co-edição com a Editora MOVIMENTO de Porto Alegre, tem 176 páginas, bibliografia excepcional e compreende uma introdução e três partes: O Fascínio pelo Poder na Tradição Filosófica, Reciprocidade Filosófica entre Razão e Utopia e Filosofia versus Pensamento Regulamentado, cada parte com subtítulos que dividem e marcam a cadência do texto.

O discurso de Heck - que é professor de Filosofia Contemporânea no Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Letras

da Universidade Federal de Goiás - é fortemente marcado pela formação alemã do autor e, dentro dessa formação, especialmente pela Escola de Frankfurt e, mais particularmente, por Adorno. Trata-se de texto consistente, que se desenvolve sem a leveza das idéias claras e distintas do estilo cartesiano, e que cobra do leitor, a cada fratura da dialética em que as idéias se alojam, muita atenção e um vai-e-vem constante na leitura.

Essa leitura não é sempre fácil, porque a linguagem é erudita e bastante especializada. Em alguns trechos, é um desafio tentar decifrar o mistério que o discurso reluta em revelar. O autor parece então se divertir com seus enunciados e a sensação que se tem é a de que nós, leitores, é que estamos sendo interrogados por ele, e não, como usualmente acontece, a de que nós, leitores, é que o estamos interrogando. Isto faz da leitura de Heck algo estimulante e extremamente formativo do ponto de vista intelectual. Ele estabelece uma indefinível relação dialética com seu leitor - e isto é o prenúncio de uma maturidade intelectual, que chega com forte vocação para a polémica.

O conteúdo do livro é abrangente, visando articular as conexões semântico-conceituais que perpassam o filosofar desde os gregos, e o texto revela seguro domínio dos temas abordados. A maneira de tratá-los é original do ponto de vista terminológico, e o autor tenta continuamente sensibilizar o pensamento filosófico para a linguagem cotidiana e, ao mesmo tempo, resgatar a terminologia filosófica tradicional para as investigações na área das chamadas ciências positivas.

Em contraste com o linguajar elitista em alguns pontos, o conteúdo da argumentação se insere nas preocupações da comunidade acadêmica e formula alguns problemas fundamentais que envolvem a atividade científica no mundo atual. Heck posiciona-se claramente a favor da modernidade filosófica e seus ordenamentos racionais na teoria e na prática. Contudo, embora sua intenção não deixe dúvidas quanto a isso, sua abordagem do pós-modernismo é um tanto eclética e por isso carece, em alguns momentos, de certo rigor epistêmico, rigor este que, não obstante, caracteriza a argumentação do texto em geral.

Heck é doutor em Filosofia pela Universidade Maximiliana, de Munique.

Joel Pimentel de Uihóa
Professor Titular da FE/UFG